

Leonardo Boff

É teólogo e filósofo

/// A maior criação cultural no Brasil é o cristianismo popular. Colocados à margem do sistema político e religioso, pobres, indígenas e negros deram corpo à sua experiência espiritual, no código da cultura popular que se rege mais pela lógica do inconsciente e do emocional do que pela do racional e do doutrinário

O povo brasileiro: um povo místico e religioso

O povo brasileiro é espiritual e místico, goste ou não goste a intelectualidade secularizada, em geral, sem ou com tênue organicidade com os movimentos populares e sociais. O povo não passou pela escola dos modernos mestres da suspeita que, em vão, tentaram deslegitimar a religião. Para o povo, Deus não é um problema, mas uma solução de seus problemas e o sentido derradeiro de seu viver e de seu morrer.

Ele sente Deus acompanhando seus passos, celebra-o nas expressões do cotidiano como “meu Deus”, “graças a Deus”, “Deus lhe pague”, “Deus o acompanhe”, “queira Deus” e “Deus o abençoe”. Geralmente, muitos, ao desligar o telefone, se despedem com “fique com Deus”. Se o povo não tivesse Deus em sua vida, certamente, não teria resistido com tanta fortaleza, humor e sentido de luta aos séculos de ostracismo social.

O cristianismo ajudou a formar a identidade dos brasileiros. No tempo da Colônia e do Império ele entrou pela via da missão (igreja institucional) e da devoção aos santos e santas (cristianismo popular). Modernamente está entrando pela libertação da vida (círculos bíblicos, comunidades de base e pastorais sociais)



e pelo carismatismo (encontros de oração e de cura, grandes shows-celebrações dos padres mediáticos).

Fundamentalmente o cristianismo colonial e imperial educou as classes senhoriais sem questionar-lhes o projeto de dominação, e domesticou as classes populares para elas se ajustarem ao lugar que lhes cabia na marginalidade. Por isso a função do cristianismo foi extremamente ambígua, mas sempre funcional ao status quo desigual e injusto. Raramente foi profético. No caso da escravidão foi francamente le-

gitimador de uma ordem iníqua.

Somente a partir dos anos 50 do século passado, setores importantes de sua institucionalidade (bispos, padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas) começaram um processo de deslocamento de seu lugar social, no centro, rumo à periferia onde o povo pobre vivia. Surgiu o discurso da promoção humana integral e da libertação sócio-histórica, cuja centralidade é ocupada pelos oprimidos que já não aceitam mais sua condição de oprimidos. Pelo fato de serem simultaneamente pobres e religiosos, tiraram de sua religião as inspirações para a resistência e para a libertação rumo a uma sociedade com mais participação popular e mais justiça. Emerge um cristianismo novo, profético, libertador e comprometido com as mudanças necessárias.

Mas a maior criação cultural feita no Brasil é representada pelo cristianismo popular. Colocados à margem do sistema político e religioso, pobres, indígenas e negros deram corpo à sua experiência espiritual, no código da cultura popular que se rege mais pela lógica do inconsciente e do emocional do que pela lógica do racional e do doutrinário. Isso não significa decadência do cristianismo oficial, mas uma forma diferente, popular e sincrética de expressar o essencial da mensagem cristã.

As religiões afro-brasileiras – sincretismo urdido de elementos cristãos, afro-brasileiros e indígenas – representam outra criação relevante da cultura popular. Abstraindo de algum fundamentalismo evan-

gético, o povo em geral não é dogmático, nem obcecado em suas crenças. É tolerante, pois crê que Deus está em todos e que todos os caminhos terminam nEle. Por isso é multiconfessional e não se envergonha de ter várias pertenças religiosas. A síntese é feita dentro de seu coração, em sua espiritualidade profunda. A partir daí compõe o rico tecido religioso.

Especialmente importante é a contribuição civilizatória trazida pelas religiões afro (nagô, candomblé, macumba, umbanda e outras) que aqui, a partir de suas próprias matrizes africanas, elaboraram rico sincretismo. Cada ser humano pode ser um incorporador eventual da divindade em benefício dos outros. Negadas socialmente, desprezadas politicamente, perseguidas religiosamente, as religiões afro-brasileiras devolveram autoestima à população negra, ao afirmar que os orixás africanos os enviaram a estas terras para ajudar os necessitados e para impregnar de axé (energia cósmica e sagrada) os ares do Brasil. Apesar de escravos, cumpriam uma missão transcendente e de grande significação histórica.

O futuro religioso do Brasil não será, provavelmente, o seu passado católico. Será, possivelmente, a criação sincrética original de uma nova espiritualidade ecumênica que conviverá com as diferenças (a tradição evangélica em ascenso, o pentecostalismo, o kardecismo e outras religiões orientais), mas na unidade da mesma percepção do Divino e do Sagrado que impregna o cosmos, a história humana e a vida de cada pessoa.